

TRANSCRIÇÃO ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS CORPO, UMA POLÍTICA.

01:00:16:01 - ESPETÁCULO

01:00:33:26 – THEREZA ROCHA - PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

A dança, eu acho que ela é o dizer do corpo, e isso não é um discurso panfletário, mas é um discurso na própria dança. É uma política do corpo que tá sendo dançada.

01:00:50:18 - ESPETÁCULOS E ENSAIOS

01:01:18:27 – MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

A dança se dá fora do corpo, justamente no espaço entre o meu corpo e o teu corpo, o meu corpo e o corpo do outro. Eu acho isso muito interessante como pensamento de dança, porque a gente sai desse lugar do meu corpo, o meu corpo etéreo, o meu corpo capaz, e a gente vai pra um lugar de embate, entre eu e o outro, entre eu e os objetos, entre eu e o mundo, entre eu e as palavras.

01:01:45:20 – FLAVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Tem uma autora que eu gosto bastante, que é a Chantal Mouffe, que ela vai fazer uma diferença entre a política e o político. Ela vai chamar de a política, as instituições; e o político é esse modo de se relacionar.

01:02:01:11 - ESPETÁCULOS E ENSAIOS

01:02:14:12 – THEREZA ROCHA - PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Eu acho que a dança, ela apresenta o corpo como um campo de relações e, entendido desse modo, é inevitável que ele se entenda como uma política. Corpo, uma política.

01:02:28:24 - ESPETÁCULOS

01:02:54:12 – ABERTURA

01:03:12:10 – VIDEOGRAFISMO

ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS – CORPO, UMA POLÍTICA

01:03:16:03 - ESPETÁCULOS

01:03:24:20 – CÁSSIA NAVAS – PROFESSORA E PESQUISADORA EM DANÇA

A questão da dança e poder, ela pode ser problematizada sob pontos de vistas vários. Se a gente pensa, por exemplo, no balé, ela vem da dança de corte que se transforma em balé de corte, e é uma corte dos reis absolutistas franceses. Nesse sentido, não é que ela está ligada ao poder, ela é o poder.

01:03:47:02 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Aquele que tava dançando mais perto do rei, tinha mais importância; o que dançava mais longe era mais... Desde, ou seja, a própria disposição espacial já contava das relações da côrte. Por que será que tem os principais no centro, e aqueles outros, nos quais você nem presta atenção, estão na lateral, sendo paisagem, imersos numa posição fixa, parados lá um tempão? Será que essa não era o retrato da sociedade na qual essas danças emergiram?

01:03:21:02 – MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

A dança moderna, por exemplo, é toda centrada na possibilidade de, quando eu vejo como espectador, eu tenho que pensar que eu não sou capaz de fazer aquilo, que só a Martha Graham é capaz de fazer aquela curvatura de coluna. A dança moderna é toda baseada em cima de "aprenda comigo como fazer e faça durante muitos anos o que eu faço". A dança contemporânea, ela já surge como uma maneira de romper com tudo isso, como uma maneira de abrir todas as possibilidades, exatamente não ter que fazer como um, de não ter modelo.

01:04:55:16 - ESPETÁCULO – TRANSOBJETO (2004) – WAGNER SCHWARTZ

01:05:17:15 – FLAVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Tudo que a gente faz é político. Pra mim, a questão é: Como é, que efeitos têm e serve a que, política pra quem, quem é que aparece, quem é que tá ali?

**01:05:30:15 - ESPETÁCULO – DANÇAR (NÃO) É PRECISO (2016) – ESTHER WEITZMAN
COMPANHIA DE DANÇA**

01:05:44:21 - FLAVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Eu gosto muito de pensar a dança a partir da materialidade do corpo. Não o corpo objetificado, como matéria inerte, mas tudo que tá em volta, que tá informando esse corpo. Então, das coisas que a gente pega, a gente pode falar da cor do corpo, do tamanho do corpo, de que corpo é esse, se é um corpo marcado socialmente como homem, como mulher, como trans, se ele não é generificado. Essas outras marcações que são sociais, que são políticas, que são de gênero, de raça, de classe... Que corpos podem dançar? Que corpos dançam? Que corpos a gente vê dançando e a gente os significa como dançantes? Ainda mais se a gente pensa na imagem da bailarina, o corpo magro, o corpo branco, o corpo de uma mulher. Então, eu acho que isso é uma chave de entrada pra gente analisar e pra gente pensar e produzir dança muito interessante.

01:06:53:15 - ESPETÁCULOS

01:07:33:17 – SILVIA SOTER – PROFESSORA E PESQUISADORA EM DANÇA

Isso que o Cena 11 faz, de trabalhar com os corpos que existem, é alguma coisa que tá presente não apenas no Cena 11, tá muito forte lá, mas tá presente em outras companhias de dança também. Corpos diferentes fazem danças diferentes, e que existe o tempo, e aí a questão do tempo, da permanência do trabalho das companhias é muito importante. O tempo, ele desenvolve competências nesses corpos que seguem. Eu, por exemplo, acho muito interessante que a gente pense que a dança também é um lugar pra corpos mais maduros, pra

corpos fora da fôrma. Acho que ali, no Cena 11, nada é por acaso, acho que isso é uma escolha, isso é uma afirmação.

**01:08:12:08 - ESPETÁCULO – MONOTONIA DE APROXIMAÇÃO E FUGA PARA 7 CORPOS (2014)
– GRUPO CENA 11**

01:08:19:00 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO DO GRUPO CENA 11

O Cena 11, ele é feito de indivíduos que são diferentes, isso eu acho que desde a sua formação. A gente tinha pontos de vista diferentes pra criar uma coisa. Se tu olhar o nosso elenco hoje, são pessoas bastante diferentes fisicamente, diferentes de onde elas vêm. Tem uma ligação com a arte, mas tem ligação com uma pergunta sobre existir, sobre fazer dança, que eu acho que é comum a todos.

**01:08:48:24 - ESPETÁCULO – MONOTONIA DE APROXIMAÇÃO E FUGA PARA 7 CORPOS (2014)
– GRUPO CENA 11**

01:08:56:05 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO DO GRUPO CENA 11

Mas não é uma diversidade justamente como bufê de vocabulário, propaganda dos anos 90 da Benetton, você tem um de cada lugar, um de cada cor, um de cada tamanho. Claro que é uma preocupação política hoje, que é positiva também nesse sentido porque isso já veio à tona com muita força, mas a questão é que, justamente, só nas diferenças é que você pode encontrar um espelho que potencialize a sua inserção no ambiente real.

01:09:25:14 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO DO GRUPO CENA 11

Então, não é uma procura do Cena 11, o diferente. Eu acho que talvez os diferentes encontrem um lugar no Cena 11.

01:09:33:27 - ESPETÁCULO – PROTOCOLO ELEFANTE (2016) – GRUPO CENA 11

01:09:57:17 - FLAVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Há uma vontade de democratização de quem pode dançar na dança contemporânea, a partir do momento em que você não tem uma técnica de referência somente, você trabalha com invenção de linguagem, trabalha com autoria. Se a gente coloca assim, parece que "ah, então, tá, agora resolvemos, é democrático, qualquer corpo pode dançar"; não, mas espera aí, tem uns que dançam e outros que não. Uns são interditados nessa relação de dançar, porque estão em ocupação, em outras ocupações, que não têm tempo, porque N coisas, por questão de racismo, de sexismo. E outros que não. E a questão de classe também aí se coloca muito forte, né? Quem é que faz dança? Quem é que tem a oportunidade ou acesso a uma formação em dança? E quem não tem formação em dança, não dança?

01:10:54:28 - ESPETÁCULO – PINDORAMA (2009) – LIA RODRIGUES COMPANHIA DE DANÇAS

01:11:22:23 – THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

O que eu acho mais importante é a gente entender a dança como um campo de ação mesmo, efetivo da gente no mundo porque, veja, nós estamos num momento importantíssimo das ações afirmativas, do entendimento das etnias, das raças, da comunidade trans, enfim, de todos esses discursos, e isso é corporeidade. Então, o que é a dança senão uma poética

corporal que vai ajudar a gente a entender o modo de ação do corpo? Ela é isso! Então, ela é super necessária nesse momento.

01:11:56:03 - ESPETÁCULO – POROROCA (2009) – LIA RODRIGUES COMPANHIA DE DANÇAS

01:12:20:18 – VINHETA - ESTAMOS APRESENTANDO

01:12:28:23 – VINHETA - VOLTAMOS A APRESENTAR

01:12:34:01 – ESPETÁCULO – QUAL É A MÚSICA? (2002) – PAULA ÁGUAS

01:12:50:05 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Dançar pode ser um ato de resistência, mas nem sempre é um ato de resistência. Alguém que faça uma dança muito formal, bela e apenas com desejo de fazer uma dança formal e bela, ela também conta na sociedade que a vida é equilibrada, que a vida é bem distribuída, que a vida não tem fricções. Então, ela também tá dizendo um monte de coisas que te levam a pensar o mundo de um jeito diferente desse que tá te dizendo: "ó, tamo cheio de problemas aqui, a injustiça social tá num nível insuportável".

01:13:34:01 – ESPETÁCULO – OBRA FEROCES (1980) – GRUPO CORINGA

01:13:46:09 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

E ambos têm impactos no jeito que a sociedade pode refletir sobre si mesma. Então, nesse sentido, a gente poderia dizer que todas as danças têm esse potencial de produzir uma reflexão sobre a vida, que vai nos levar a atuar na sociedade de algum jeito, e que isso sim vai fazer uma modificação política.

01:14:11:27 – ESPETÁCULO – DIADORIM (1972) – BALLET STAGIUM

HOMEM: Eu dizendo que a mulher ia lavar o corpo dele. Ela rezava rezas da Bahia. Mas aqueles olhos, eu beijei; e as faces, a boca. Eu não sabia por que nome chamar. Eu exclamei, me doendo, meu amor.

01:14:36:18 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Nos anos 70, era a ditadura, o Ballet Stagium representava uma força muito importante aqui no Brasil porque, na medida em que o teatro era muito censurado por causa do texto, a dança, que não usava texto, tinha mais chance de atravessar as barreiras.

01:15:01:16 – ESPETÁCULOS E ENSAIOS – BALLET STAGIUM

01:15:30:15 – CÁSSIA NAVAS – PROFESSORA E PESQUISADORA EM DANÇA

Na obra prima deles, que eu considero ser a nossa "Sagração da Primavera", o "Kuarup", ou a "Questão do Índio", a partir de uma musicografia do Parque Nacional do Xingu e uma história, um enredo, um libreto moderno porque não é nem aquele libreto "vamos contar uma história com começo, meio e fim" do final do século XIX, dos balezões, então, é uma outra configuração.

01:15:56:09 – ESPETÁCULOS E ENSAIOS – BALLET STAGIUM

01:16:05:03 – DÉCIO OTERO – DIRETOR E FUNDADOR DO BALLET STAGIUM

Quando a gente montou o "Kuarup" em 77, não se falava em genocídio de índio, não se falava em posseiro de terra. Hoje em dia se fala. Quando a gente montou "A Floresta do Amazonas", não se falava em desmatamento. A problemática do negro, com a missa dos quilombos. E, com isso, muita coisa fizemos nesse sentido.

01:16:28:20 – CÁSSIA NAVAS – PROFESSORA E PESQUISADORA EM DANÇA

Então, tem uma falta de, nesse momento, de entendimento que aquilo ali seja uma tradução não-panfletária porque são obras não-panfletárias, eles são sempre, e volto a dizer, a partir da sensibilidade daquele criador que realmente escapou aos censores.

01:16:44:13 – ESPETÁCULOS – PÁTIO DOS MILAGRES (2001) – BALLET STAGIUM

01:16:56:15 – THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Se você pensar no Ballet Stagium, é inevitável que você correlacione dança e política de um determinado modo naquele contexto e no modo como o Ballet Stagium entendia a relação entre dança e política, né? Tem dança e política lá, outrora e agora. Mas ela se dá de modos bastante distintos, sobretudo no que diz respeito aos regimes de composição em dança.

01:17:22:25 – ESPETÁCULOS

01:17:42:22 – THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Eu poderia citar o trabalho da Marcela Levi e, no caso dela, eu acho que são regimes rigorosos de composição ali, é quase como se fosse uma dieta muito severa da dança, de si mesma, assim, né?

01:17:57:15 – ESPETÁCULO – NATUREZA MONSTRUOSA (2011) – MARCELA LEVI E LUCIA RUSSO

01:18:05:21 – THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Eu acho que a Marcela, por exemplo, dentre outros criadores e criadoras, eles se colocam nesse viés, acho que a Lia Rodrigues também, acho que a Dani Lima, mas são pessoas que trabalham com regime muito severo de criação, sem concessão nenhuma ou, pelo menos, muito pouca concessão àquilo que, historicamente, talvez tenha marcado assim, o gesto da dança, a auto-expressão do artista, num mundo poluído de imagens, de mensagens, de auto-proclamação, tanto discurso sendo produzido. O que ainda há para ser dito?

01:18:49:04 – ESPETÁCULO – PEQUENO INVENTÁRIO DE LUGARES COMUNS (2009) – CIA DANI LIMA

01:19:00:06 – THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Talvez eles optem por uma subtração de meios. O que ainda restaria dançar? São perguntas políticas e eu acho que elas têm que ser feitas.

01:19:08:04 – ESPETÁCULO – PIRANHA (2009) – WAGNER SCHWARTZ

01:19:25:26 – THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

"Piranha", pra mim, é uma obra que é rica nesse sentido, é uma ação continuada, uma mesma ação continuada e repetida, do início ao fim da peça, e aquilo vai se desdobrando por dentro e vai provocando perguntas na gente, a gente agindo, como público, em relação a essas perguntas. Já em um regime de economia para o aparecimento de alguma coisa que sem essa segura, não apareceria, que é esse encontro e a potencialidade política que existe nesse encontro presencial.

01:20:00:04 – ESPETÁCULO – PIRANHA (2009) – WAGNER SCHWARTZ

01:20:04:20 – THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Nos trabalhos da Lia Rodrigues, isso se dá no "Pindorama", no "Para que o céu não caia". Todos esses espetáculos dela, há um performativo que eu chamaria de um performativo da expectativa, ou seja, assistir a um espetáculo pode também ser transformado, dependendo dos regimes de composição, em algo que é da ordem da performance também, então o público já não é mais um... Mais uma vez, ele não é um receptor, ele tá agindo. E aí eu acho que os criadores e as criadoras, eles começam a se interessar por reger também, ou seja, levar esses regimes de composição para o próprio público, em sublinhar o caráter de ação, mais uma vez, que há em assistir um espetáculo.

01:20:51:13 – ESPETÁCULO – DE REPENTE TUDO FICA PRETO DE GENTE (2012) – DEMOLITION INCORPORADA

01:21:13:19 – FLAVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Uma outra questão importante de pensar é que o que a gente chama de político varia ao longo do tempo.

01:21:21:10 – ESPETÁCULO – PROTESTO (2017) – NÚCLEO ARTÉRIAS

01:21:26:10 – FLAVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Se a gente pensar, os ballets nacionais, o fato de ligar o Estado Novo, getulista, vai criar um bailado nacional... Nacional, carioca, mas com pretensão nacional, isso é uma definição de política e uma relação com a política. E aí, contemporaneamente, se a gente pensa nos movimentos de corpos de dissidentes, não heteronormativos, do movimento negro, do movimento feminista, do movimento das ditas minorias que são majorias, então, tudo o que sai desse enquadramento branco, europeu, estável economicamente, masculino, falocêntrico, logocêntrico, ganha um tom político hoje, né?

01:22:20:06 – ESPETÁCULO – SAMBA DO CRIOLO DOIDO (2004) - LUIZ DE ABREU

01:22:33:24 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Assim como muitas obras desaparecem, algumas obras permanecem, e aí possivelmente essas obras durem no tempo, como o "Samba do Criolo Doido", porque as questões que estavam apontadas lá, foram se tornando mais e mais fortes na sociedade.

01:22:55:03 – ESPETÁCULO – SAMBA DO CRIOLO DOIDO (2004) - LUIZ DE ABREU

01:23:03:10 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

O fato da carne mais barata ser a carne negra, ficou mais candente na sociedade, ou seja, as questões do Brasil com relação a isso, as questões de gênero, as questões nacionalistas. Hoje elas são, elas estão mais agudas ainda do que elas estavam naquela época, então, possivelmente, essas são obras que antecipam questões que vão continuar no tempo.

01:23:36:13 – ESPETÁCULO – SAMBA DO CRIOLO DOIDO (2004) - LUIZ DE ABREU

01:23:53:01 – PAULO CALDAS - COREÓGRAFO

Dança e política, arte e política são coisas, hoje, quase necessariamente aproximadas. Isso nem sempre foi assim.

01:24:03:26 – ESPETÁCULO – VIDEODANÇAS (2010) – STACCATO / PAULO CALDAS

01:24:12:04 – PAULO CALDAS - COREÓGRAFO

Mas é como se, nos últimos anos, essa aproximação tivesse, num certo sentido, que ser tematizada.

01:24:22:19 – ESPETÁCULO – QUINTETO (2008) – STACCATO / PAULO CALDAS

01:24:30:08 – PAULO CALDAS - COREÓGRAFO

É curioso que um trabalho abstrato, trabalho de puro movimento, eu vejo frequentemente desqualificado porque ele parece que não tá engajado, e não necessariamente, não necessariamente. Em certos circuitos, essa explicitação do político parece ser uma demanda, parece uma condição, parece a condição de validade. O que me parece torto, me parece torto, porque uma das coisas que não se pode fazer é normatizar.

01:25:17:11 – ESPETÁCULO – FONTE (2013) – STACCATO / PAULO CALDAS

01:25:44:16 – VINHETA - ESTAMOS APRESENTANDO

01:25:59:22 – VINHETA - VOLTAMOS A APRESENTAR

01:26:05:10 – ENSAIO ESTHER WEITZMAN

01:26:19:17 – THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Qualquer intérprete é um criador quando dança, ele cria quando dança, ele não executa, isso não existe, porque se ele executasse, ele não dançava.

01:26:30:21 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

O intérprete, ele não copia apenas, porque ele só pode copiar do jeito que o corpo dele faz. De uns tempos pra cá, foi ficando muito popular a substituição do intérprete, pela necessidade de substituir esse termo "intérprete" pelo de "intérprete-criador".

01:26:51:18 – ESPETÁCULO – TOMBÉ (2013) – GRUPO DIMENTI

HOMEM: Boa noite, meu nome é #Dunga, eu sou ator em transição para performer.

MULHER: Meu nome Romane intérprete, criadora.

HOMEM: Eu sou Neto Machado, eu sou bailarino.

HOMEM: Boa noite a todos e a todas, eu sou o Jorge Alencar, eu sou diretor artístico, coreógrafo, bailarino, ator...

HOMEM: É acadêmico.

MULHER: Curador!

HOMEM: É artista internacional.

HOMEM: É bonito.

HOMEM: Bem, a proposta da nossa companhia...

HOMEM: É...

01:27:44:04 – THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Em um primeiro momento, politicamente, foi muito importante cunhar esse termo, esse termo com esse hífen, né? O intérprete-criador ou intérprete-criadora, foi muito comum isso acontecer na década de 90 e a partir de então. Esse termo apareceu para dar nome aos bailarinos que dançavam em companhias de dança, ou seja, eles dançavam numa estrutura organizacional da criação centrada na figura de um diretor ou de uma diretora, coreógrafo ou coreógrafa, e eles começaram a criar seus próprios trabalhos, esse bailarinos recém saídos das companhias de dança, ao invés de fundarem novos coletivos assim nomeados de companhia de dança, muitas vezes eles faziam trabalho cunhado no próprio corpo e dançavam em muitos casos, não em todos, mas dançavam solos.

01:28:39:07 – ESPETÁCULO – QUAL É A MÚSICA? (2002) – PAULA ÁGUAS

01:29:00:14 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Tem um pouco a ver com esse jeito de cada um de nós estarmos agora no mundo e com o fato da companhia não existir mais como grupo, como companhia, mas como um ajuntamento de colaboradores. Todos vão criando e trazendo convidados a trazer materiais que vão ser mostrados e talvez sejam selecionados para compor a obra.

01:29:27:29 – ESPETÁCULO – FONTE (2013) – STACCATO / PAULO CALDAS

01:29:00:14 – PAULO CALDAS - COREÓGRAFO

Os meus processos de criação, eles sempre foram compartilhados, em certo sentido. Com vários processos, eu disparo a pesquisa corporal com uma postura que eu mesmo produzo. Isso é experimentado nos corpos, e os corpos resolvem e desdobram essa experiência. Cada vez menos eu preciso eu mover o que vai ser movido. Cada vez mais eu ganho a condição mais de um diretor coreográfico, um propositor de modos de mover, do que um definidor disso.

01:30:17:10 – INTERVENÇÃO URBANA ESQUIVA (2016) – CIA OITO NOVA DANÇA

01:30:32:07 – LU FAVORETO – DIREÇÃO ARTÍSTICA DA CIA OITO NOVA DANÇA

Quando a gente pensou no primeiro, nesse start mesmo do grupo de estudos, me vinha muito desejo mesmo de fazer um processo que depois eu fiquei sabendo que tem esse nome "processo colaborativo", mas eu tinha vontade de estabelecer uma troca de criação, eu não me via assim, a coreógrafa. Me via criando um ambiente de troca de criação entre pessoas e todo mundo, no depoimento, acontece isso, todo mundo fica autor da obra.

01:31:08:08 – RAONI GARCIA – BAILARINO / CRIADOR DA CIA OITO NOVA DANÇA

O depoimento é uma, na verdade, é uma ação cênica que você propõe, que você compartilha, né? Você tem esse espaço, que eu acho que é o grande lugar do intérprete-criador porque é esse lugar dessa liberdade de colocar num recipiente, laboratórios, sala de ensaio, todos os seus desejos e quererem diante do tema poético e do tema corporal que a gente tá trabalhando.

01:31:35:17 – LU FAVORETO – DIREÇÃO ARTÍSTICA DA CIA OITO NOVA DANÇA

Você vivencia ou o campo, ou leituras... Aí você vem e faz o seu depoimento que é através do movimento, fala é movimento, objetos, trazer objetos e mostrar os objetos é movimento, a dança é movimento, tocar é movimento.

01:31:54:17 – ESPETÁCULO - INTERVENÇÃO URBANA ESQUIVA (2016) – CIA OITO NOVA DANÇA

01:32:24:13 – MARINA CARON – PESQUISADORA E EX-BAILARINA DA CIA OITO NOVA DANÇA

Tudo da arte, o que eu realmente acho importante é o coletivo, assim, isso é uma coisa que acontecia, de repente eu não sabia mais nem direito se era eu, a liderança, se era o outro, se aquele movimento tinha sido criado por quem, né? Então, acho que isso é o grande ouro, assim, do trabalho coreográfico da companhia.

01:32:45:23 – ESPETÁCULO - INTERVENÇÃO URBANA ESQUIVA (2016) – CIA OITO NOVA DANÇA

01:33:01:21 – MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Pra mim, é uma colaboração, só que não tem nada a ver com essa coisa de criação coletiva, de todo mundo faz o que quer. Pra mim, é exatamente mais do que estabelecer de antemão que eu sou o chefe, que eu tenho o lugar de poder, que eu sei que eu tenho, como conceptor e coreógrafo, existe aí um lugar de poder, mas, pra mim, é muito mais importante: como é que eu tô negociando com esse lugar de poder? Como é que eu desapareço nesse lugar de poder? Como é que eu, exatamente, reconheço alguma coisa que tá lá atrás e trago essa coisa pra frente, ao invés de, o tempo inteiro, legitimar um lugar de poder de quem sabe, um lugar de autoria.

01:33:43:10 – ENSAIO DEMOLITION INCORPORADA

01:34:04:29 – FLAVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

A gente também tem esse desafio, das companhias de dança terem essa marca autoral. Acho que isso é uma questão bem importante, né? Já que a gente sabe que uma criação é sempre coletiva, ao mesmo tempo, quem tem a responsabilidade disso? Quem responde por isso? A gente teve um fenômeno mais recente pra nós, no Brasil, que foi a emergência dos coletivos de dança que questionam essa função hierárquica, mas que também não basta somente criar um coletivo porque um coletivo, ele pode entrar também numa função autor e trabalhar da mesma maneira que uma companhia de dança, né? Então, a questão permanece: como é que a gente faz frente a esse problema e a quê que isso serve? A quem que isso serve?

01:35:00:10 – MATADOURO (2010) - DEMOLITION INCORPORADA

01:35:31:25 – VINHETA - ESTAMOS APRESENTANDO

01:35:47:16 – VINHETA - VOLTAMOS A APRESENTAR

01:35:52:05 – ESPETÁCULO - OURIÇO (2006) – LEONARDO FRANÇA

01:36:04:22 – PAULO CALDAS - COREÓGRAFO

A arte transforma.

01:36:07:25 – ESPETÁCULO - OURIÇO (2006) – LEONARDO FRANÇA

01:36:09:22 – PAULO CALDAS - COREÓGRAFO

Eu acho que existem âmbitos distintos, alcances distintos, eu acho que a arte, intrinsecamente, ela inventa. Necessariamente, ela é uma pequena invenção de possíveis. Se eu pensar em uma infinidade de micro transformações, assim, né? Ela é macro transformadora.

01:36:29:11 – ENSAIO – NÚCLEO ARTÉRIAS

01:36:44:13 – JOÃO SALDANHA - COREÓGRAFO

Por que que é necessária a arte na vida das pessoas? E eu vou dizer uma coisa pra você, não existe uma resposta lógica pra isso. Isso não é um jeito romântico de dizer, não existe mesmo e não precisa ter um porquê, justamente porque é uma forma de expressão liberta das imposições que a vida nos obriga. Ela precisa ser liberta. Se ela não é liberta, justamente, porque você tá muito comprometido com instituições, porque você tem um patrocinador, porque tá, tá, tá, não interessa. Em algum lugar, numa sala fechada durante um processo, ela será.

01:37:39:14 – ENSAIO – NÚCLEO ARTÉRIAS

01:38:01:27 – LÍVIA SEIXAS – DANÇARINA / CRIADORA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

Cada vez mais, a gente tá tentando, nessa dança do Artérias, assim, por ser um grupo de mulheres, mas não ser uma dança de meninas, né? Mas um corpo voraz, um corpo bicho, um corpo que pode passar por várias energias.

01:38:19:12 – ESPETÁCULO – ESCURO VISÍVEL (2014) – NÚCLEO ARTÉRIAS

01:38:33:00 – LÍVIA SEIXAS – DANÇARINA / CRIADORA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

Eu não sei se é uma das funções, fazer essa relação política com a dança contemporânea, mas é uma das funções aqui desse Núcleo Artérias porque a dança contemporânea, ela é essa e tem várias maneiras de fazer. Essa aqui do Núcleo Artérias ela é mais crítica e questionadora mesmo.

01:38:52:21 – ESPETÁCULO – PROTESTO (2017) – NÚCLEO ARTÉRIAS

01:39:09:25 – BRUNA SPOLADORE – DANÇARINA / CRIADORA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

Quando eu entrei no Artérias, foi muito esse lugar de estar entrando, estar sendo iniciada na linguagem do grupo assim, estudando também autoras, que elas vinham lendo. Então, pro "Bananas", elas tinham estudado muito a Judith Butler, por conta que é um trabalho que discute gênero.

01:39:30:29 – ESPETÁCULO – BANANAS 15 (2015) – NÚCLEO ARTÉRIAS

01:39:36:27 – BRUNA SPOLADORE – DANÇARINA / CRIADORA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

Basicamente assim, o que ela diz é que os gêneros, eles são criados culturalmente e que você pode... Eles são construções de corpo.

01:39:57:08 – LÍVIA SEIXAS – DANÇARINA / CRIADORA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

O "Bananas" também trouxe uma força desse poder, dessa energia, sabe? Que se diz masculina, né? Em um corpo que, às vezes, na dança, só traz essa estética do fluxo, da leveza.

01:40:14:17 – ESPETÁCULO – BANANAS 15 (2015) – NÚCLEO ARTÉRIAS

01:40:24:03 – LÍVIA SEIXAS – DANÇARINA / CRIADORA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

A pesquisa, ela tá sendo desvalorizada, eu acho, muito por esse pensamento que tudo precisa ser consumido de uma maneira rápida. Então, a dança também, a criação tem que ser rápida. Eu acho que isso é um pensamento equivocados em relação à pesquisa. Se a gente não tem tempo, a gente não cria.

01:40:42:15 – ENSAIO – NÚCLEO ARTÉRIAS

01:40:51:09 – LÍVIA SEIXAS – DANÇARINA / CRIADORA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

O momento atual da dança ele tá bem crítico. A gente ouve do secretário que pesquisa é um fundo perdido.

01:40:59:13 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Estamos de luto com relação a um dos traços que se agigantou nos anos 90 que é o espaço pra dança e que estamos de luto porque ele faleceu, ele simplesmente desapareceu, ele ainda não está completamente em vias de extinção porque não tá completamente extinto, mas ta na UTI.

01:41:22:17 – JOÃO SALDANHA - COREÓGRAFO

Toda essa falência do Estado brasileiro, ela afetou muito as artes. As políticas públicas, elas não estavam garantidas legalmente, então, quando mudava-se a gestão política, mudava-se a política. E aí ela foi minguando, minguando, minguando até ela acabar inteiramente. Hoje em dia, a gente não tem absolutamente nada.

01:41:55:04 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO DO GRUPO CENA 11

E foi uma realidade que muito rapidamente se instaurou e que eu acho que, também agora, a ideia também não é só se vitimizar desse lugar, mas também reconhecer quais são as questões de sustentabilidade que a gente pode ir entendendo a economia como extensão da cultura e, através disso, a gente também reinventar modos de sustentabilidade. Porque senão não vai

viabilizar a continuidade de um pensamento e essa inquisição anti-intelectual, nesse sentido, vai tomar conta de tudo.

01:42:29:23 – ESPETÁCULO – LA BÊTE (2005) – WAGNER SCHWARTZ

01:43:41:19 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Hoje, são inúmeros os artistas que tem se perguntado: "fazer dança pra quem e o quê?". Artistas se perguntando se ainda vale fazer dança se não há interesse algum em financiar a dança. Interesse público, responsabilidade do Estado, responsabilidade de um projeto político para o país, pra cultura. A cada um deles que tem me perguntado, eu respondo a mesma coisa, que justamente por isso é cada vez mais necessário. Embora não se saiba, não se tenha garantia sequer dessa produção chegar nas instituições culturais, ela talvez possa chegar onde elas não chegaram antes porque, talvez, não seja mais o mesmo caminho que foi trilhado. Fazer uma obra pra mostrar num teatro, fazer uma obra pra mostrar num centro cultural. Talvez sejam outros os caminhos agora, mas que não tem a ver com não fazer a obra. É fazer a obra e buscar jeitos de ela chegar a quem possa lhe interessar. Podem ser 300 pessoas, podem ser 3 milhões de pessoas, não sabemos, mas há de ter. Mas não é possível parar porque, sobretudo agora, é necessário que a gente encontre estímulos pra reflexão, estímulos pra olhar pro mundo do jeito que a gente não tá conseguindo, e esse é o papel da arte.

01:45:08:13 – ESPETÁCULOS

01:43:41:19 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Então, mais do que nunca, é necessário; e não "que dança", "quais danças", quantas forem. E há de ter outro interessado naquilo que você também tá interessado, e é com esse outro que você começa a conversar.

01:45:57:19 – ESPETÁCULOS

01:46:40:23 – CRÉDITOS FINAIS